

O PORTUGUÊS VERNÁCULO DE ANGOLA: ADJUNÇÃO DE MORFEMAS PORTUGUESES E BANTU¹

Hilton Fortuna Daniel²

hiltondaniel2014@gmail.com

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

RESUMO. O presente artigo tem por objetivo analisar e descrever, no âmbito da Lexicologia e Lexicografia, os processos de formação de neologismos resultantes de hibridismos entre as línguas locais e o português, ou seja, o português vernáculo de Angola (PVA), pelas suas variedades, congrega elementos vernaculares das línguas bantu e morfemas latinos, e é deste modo que os angolanismos constituem, em grande medida, as características desta variedade. Os morfemas constituem uma das classes que mais operacionalizam a adjunção das duas línguas, as quais possuem sistemas e normas diferentes. Com este estudo, pretende-se entender a sistematização e operação a que os falantes procedem ao longo dos tempos como também avaliar a importância de uma análise do subsistema lexical a partir de uma perspectiva contrastiva, considerando as variedades linguísticas da língua portuguesa, como transcontinental que há já algumas décadas o é.

PALAVRAS-CHAVE. Português, Variante, Morfema, Neologismo, Bantuísmo.

ABSTRACT. The objective of this article is to understand and describe, within the scope of Lexicology and Lexicography, the processes of neologism formation resulting from hybridities between local languages and Portuguese language, that is, Angolan Portuguese, due to its variety, adds vernacular elements related to bantu languages and Latin morphemes, through the Portuguese language, and this is how Angolanisms constitute, to a large extent, the variety of Portuguese language. Morphemes constitute one of the classes that operationalize the most the addition of the two languages, which are very different. With this descriptive study, we intend to reach an understanding of the systematization and operation that speakers do as well as to understand the importance of an analysis of the lexical subsystem from a contrasting perspective of neologisms, considering the linguistic varieties of the Portuguese language, as transcontinental that today is it.

KEYWORDS. Portuguese Language, Variant, Morpheme, Neologism, Bantuism.

¹ Manifestamos o nosso sincero agradecimento ao especialista e avaliador anónimo deste artigo, pelos comentários pertinentes, fundamentados e acatados, os quais visavam a adequação do tema à tipologia tradicional sobre língua aglutinante, que hoje é pouco consensual entre os linguistas.

² Mestre em Ensino do Português L2/LE, investigador convidado na Academia das Ciências de Lisboa, para o tratamento lexicográfico de angolanismos e bantuísmos visando sua inclusão no Grande Dicionário de Língua Portuguesa da Academia.

1. Introdução

Uma das razões pelas quais decidimos empreender este trabalho à volta dos neologismos obtidos por elementos das línguas bantu e do português consiste na necessidade de abordagens cada vez mais alargadas sobre o processo de lexicalização em Angola, tendo em vista o debate sobre a matéria dos neologismos híbridos que ainda têm prevalecido numa zona subdocumentada, não fosse o facto de a língua portuguesa estar a crescer em relação ao número de falantes nativos em Angola e congregando também um universo exponencial de falantes de língua não materna.

Sendo assim, propomos alguns neologismos, por meio dos quais é possível observar a formação e a ocorrência de hibridismos incorporados no português falado localmente, os quais derivam da adição de elementos morfémicos desta língua e de outras do grupo linguístico bantu de Angola.

Em Angola, devido, sobretudo, a fatores endógenos (como as línguas bantu e não bantu locais, o grande êxodo provinciano para Luanda e outros de ordem interna) e exógenos (como a aculturação, a globalização, o uso do português em situação de interlíngua e como língua franca, o movimento migratório para o exterior do país, de onde se absorvem vários *inputs* linguísticos reintroduzidos localmente, a situação do português adquirido e/ou aprendido em contexto de língua não materna, seja por cidadãos nacionais ou estrangeiros), do próprio mosaico linguístico depreende-se um fenómeno cujo contexto designamos por babel linguístico.

Face ao contexto da linguística moderna, tem sido amplamente aceite a existência da variedade do português falado em Angola, a qual possui algumas características que resultam do contacto linguístico entre o português e outras línguas nacionais, sendo que os empréstimos das línguas do grupo linguístico bantu têm constituído um aporte que fomenta a criação de neologismos, principalmente através do quimbundo, do umbundo, do quicongo e do tchókwe. Porém, para este estudo trazemos uma abordagem contrastiva que observa um subsistema lexical, por meio do processo de formação de neologismos, que configura os dialetismos em Angola. Naturalmente, através de afixos e outras marcas dialetais, a variedade angolana vai-se assumindo particular, mais independente e cada vez mais distanciada do que se considera português estandardizado.

Esta mesma variedade, somada ao estágio ou mecanismo de interlíngua a que estão sujeitos muitos dos seus falantes, resulta de circunstâncias especiais em que diversas comunidades linguísticas confluem esta imperiosa necessidade de comunicar numa língua apenas. Tal processo ocorre desde que a mesma língua chegou, por meio de europeus, ao sul da África ocidental, em particular a Angola. É, por isso mesmo, natural que esta língua tenha ganhado características singulares e se tenha distanciado das variedades do português falado noutras latitudes, quer por questões diatópicas, quer por outras de âmbito cultural.

Além disso, muitos vocábulos bantu, que resultam do nosso "babel linguístico", já partes do repertório lexical angolano, enquadrados no português aqui falado, têm sido exportados para diversos países e, como testemunho, temos grandes registos dicionarísticos (como nos dicionários da Porto Editora e da sua versão digital e alargada, o Infopédia, da Academia das Ciências de Lisboa, nos dicionários Houaiss, Michaelis, Priberam, Aurélio e outros não tão contemporâneos) que integram e integravam já no seu léxico termos de origem bantu, desde os primeiros contatos entre as tais línguas.

Observe-se, por exemplo, que:

de um vocábulo bantuísta, portanto, um quimbundismo que significa "picante":

/-jindungo-/

mais morfemas lexicais da língua portuguesa, com base em afixos:

prefixo *a-* + sufixo verbal *-ar*

resulta um neologismo ou vocábulo híbrido, obtido por parassíntese:

ajindungar

que significa:

condimentar um alimento com jindungo; *figurado* – tornar algo apazível.

Na verdade, este exemplo apenas justifica uma das classes mais produtivas na formação de palavras que incorporam o léxico do português vernáculo de Angola (PVA)³. Na verdade, concordamos que a evolução de uma língua depende da evolução das necessidades

³ O designativo "Português Vernáculo de Angola" é usado recorrentemente por Inverno (2009), no entanto, Fernandes e Ntondo (2002) designam esta variante por "Português Vernacularizado" e Andrade (2008) por "Português Angolanizado", sendo que a designação muito usada anteriormente "Português dos Musseques" já tem sido afastada em fóruns mais académicos, por estar associada a um registo pejorativo do passado colonial.

comunicativas do grupo que a emprega, tal tese é-nos apresentada por Martinet (1980:173), para quem "l'évolution d'une langue est sous la dépendance de l'évolution des besoins communicatifs du groupe qui l'emploie".

Hoje, não só as culturas dos países falantes do português se influenciam mutuamente pelo contato linguístico, mas também observamos maior interculturalismo devido a ligações à internet e, neste sentido intercultural, para Galisson (1988) "pour accéder à la culture, quelle qu'elle soit, le meilleur truchement est le langage, parce qu'il est à la fois véhicule, produit et producteur de toutes les cultures".

Como afirma Altuna (2006:17), "as culturas devem tornar-se cada vez mais humanas, múltiplas através dos tempos, criativas, dinâmicas e devem acompanhar as vicissitudes dos grupos sociais, que não podem permanecer imóveis". No entanto, historiadores da língua, como Castro (2008) e Cardeira (2006), apontam o facto de a língua portuguesa resultar, direta ou indiretamente, do latim vulgar, falado por comunidades sem tradição literária e pouco influenciadas pelo ensino escolar.

Em Angola, talvez seja difícil falar já no nascimento de uma outra língua, mas, à semelhança do surgimento do português vindo do latim popular, as comunidades mais ágrafas ou menos influenciadas pelo sistema educativo formal, com pouca cultura literária e académica, foram e ainda são as que mais autenticam a variedade angolana, é delas de onde surgem os maiores aspetos definidores ou distintivos.

Todavia, consente-se também o facto de, cada vez mais, estudantes de diferentes níveis de ensino, estudiosos, professores, jornalistas, políticos e vários outros profissionais estarem no alinhamento da variante e variedade angolanas, por tão ínfima que seja a inclusão, nos discursos, de vocábulos híbridos, bantuístas ou angolanistas, seja no domínio da prosódia, seja no da semântica ou no campo pragmático-discursivo.

Martinet (1980:155), para o qual todo o estadunidense fala(va) um dialeto, seja o de Boston, o de Nova Iorque, seja o de Chicago ou, tendo viajado muito, algum dialeto híbrido, defende que as variações dialetais são perfeitamente aceitáveis em todas as circunstâncias da vida. O mesmo autor argumenta ainda que tal facto é uma reminiscência do que está a acontecer em Paris e nos centros urbanos da França "não-sul", onde há muitas variedades do

francês que, na boca de pessoas cultas, parecem tão aceitáveis que o que os distingue geralmente passa despercebido.

Cette situation rappelle ce qui se passe à Paris et dans les centres urbains de la France non méridionale où existent de multiples variétés du français qui, dans la bouche des gens cultivés, paraissent si acceptables que ce qui les distingue passe en général inaperçu.

(Martinet 1980:155-156)

Entendemos que qualquer língua possui muitas variações, sendo que qualquer descrição terá que observar a que dialeto se refere, como defende Martinet (1980:30): "on dira, dans ce cas, que la langue connaît plusieurs dialectes, et toute description devra spécifier de quel dialecte il est question".

O PVA, constituído por suas variantes, ou seja, por dialetismos, tem-se afirmado forte, específico e ilimitado dentro da dinâmica evolutiva da língua portuguesa, das mais transcontinentais entre as línguas naturais que se conhecem. O que se pode verificar é que, ainda que um falante tenha o português como língua materna e por tão instruído que seja, as diversidades linguísticas decorrentes daquilo a que chamamos 'babel linguístico', por determinarem as variantes e a variedade angolanas, acabam por, com maior ou menor predominância, influenciar no nível de pureza, precisão ou correcção linguística face à norma europeia. Aliás, além de ser objeto da dialética, tem sido estranha, trivial, questionável ou bastante descabida, entre muitos linguistas, a ideia de "pureza linguística" ou "purismo", no campo pragmático-discursivo.

2. A variedade angolana e novas unidades lexicais

Diferente da simples amálgama, que é também um processo de formação de palavras (a qual consiste na criação de novas palavras a partir da junção de duas ou mais palavras truncadas), o hibridismo é um processo semelhante, só que, neste último, são necessários elementos derivados de, pelo menos, duas línguas (diferentes). Os hibridismos ocorrem em muitas línguas ou grupos linguísticos, seja entre o grego e o latim (o mais clássico dos exemplos), seja entre o francês e línguas anglo-saxónicas, entre as línguas sino-tibetanas, seja,

agora no caso particular de Angola, entre línguas do tronco linguístico bantu e neolatinas, por via do português.

Assim, dentro da classe dos neologismos, embora se possa inferir que o processo mais comum entre os fenómenos do PVA seja o aportuguesamento, vários levantamentos sobre alguns vocábulos e seus étimos indicam que sempre houve, também, um processo de adaptação no domínio da fonética e da morfologia em si (por falantes tardios do português) nas línguas nacionais, seja por umbundização, quimbundização, seja por baconguização ou outra língua local.

No entanto, a adaptação ocorre quando alguns fonemas ou a posição destes podem constituir estranheza para o idioma que os acolhe, considerando que, durante a formação de neologismos no português vernáculo de Angola, o item lexemático, que é de origem bantu, constitui a base junto da qual se agregam itens morfémicos, entendidos aqui por formantes afixais. Dá-se também a ocorrência da troca de fonemas que mantêm uma relação de semelhança, prevalecendo o mais comum na língua-alvo.

Já a assimilação é definida por Andrade (2009) como o "processo pelo qual traços articulatorios de um fonema se propagam para outro". A autora considera que o fonema forte (assimilador) determina a mudança do outro, fraco (assimilado).

Porém, a adaptação parece-nos a operação mais evidente com base na qual o vocábulo quimbundizado /kijila/ (significando problema, impasse, inconveniente, tabu, pudor) se apresenta como derivado do lusitanismo /quezília/ (que significa zanga, contrariedade, antipatia, etc.).

Exemplos de uso na cultura urbana:

- (1) «*Eu então não sou de kijila, gosto mesmo bué de kazukuta, entre os meus avilos e avilas*». (Eduardo Paim, na música *Eu vou pra nguenda*).
- (2) «*Precisa só lhe tirar kijila*». (Boaventura Cardoso, *O fogo da fala*).

Como se pôde notar, este processo pode configurar uma realidade designada por neologia fonológica, definida na base da troca de um fonema por outro, originando, deste modo, um neologismo fonológico.

Não sendo um caso isolado, pela mesma via, parece-nos certo que os vocábulos /xiringa/ e /xiringar/, bastante usuais na variante desviante ou popular angolana, resultam das

adaptações de /seringa/ e /seringar/. Note-se que esta adaptação decorre do facto de, nas línguas bantu, o fone [ʃ], aqui representado pela consoante fricativa pré-dorso-pré-palatal não-vozeada ou surda, ser comumente empregue em posição de ataque em detrimento do fone [s], que se faz representar pela consoante fricativa pré-dorso-alveolar não-vozeada ou surda. Independentemente desta observância em relação a aparentes semelhanças acústicas marcadas por traços de fricatividade e de não-vozeamento, quanto à zona de articulação, o primeiro é palatal e o segundo alveolar (linguodental), sendo esta a principal distinção.

Por isso, dentro do processo de adaptação, não têm sido escassas, entre os falantes do português L2 (ou falantes tardios), incluindo alguns de maior prestígio social e académico, as alterações flutuantes do fonema /s/ como em /sapato/ e /seiscentos/. Dito isto, em vez de [sɐˈpatu] e [sɐjʃˈsɛtuʃ], alguns procedem à troca daquela alveolar por uma palatal mormente usada nas línguas bantu, principalmente em posição de ataque. Assim, ouve-se amiúde [ʃɐˈpatu] e [ʃɛˈʃɛtuʃ].

Para justificarmos esta ocorrência no português vernáculo de Angola, nas suas variantes desviantes, recorreremos a Jakobson & Halle (1956), que dizem que um falante monolíngue do inglês, quando ouve um nome como /zíta/, identifica-o e assimila-o sem dificuldades, mesmo que nunca o tenha ouvido antes, mas está propenso a distorcer na percepção ou na reprodução o nome como /ktíta/, devido ao seu inaceitável grupo consonantal /kt/, ou /xíta/, que contém apenas recursos familiares, mas constantes num grupo não familiar, ou, finalmente, /mýta/, sendo que o segundo fonema tem traços distintos do inglês, portanto de uma língua estrangeira.

Therefore, the unilingual speaker of English, when hearing a name like /zítə/ identifies and assimilates it without difficulty even if he had never heard it before, but either in perception or reproduction he is prone to distort, and to distrust as alien, a name such as /ktítə/ with its unacceptable consonantal cluster, or /xítə/ which contains only familiar features but in an unfamiliar bundle, or, finally, /mýtə/, since its second phoneme has a distinctive feature foreign to English.

(Jakobson & Halle 1956:5)

Se, por um lado, alguns vocábulos bantu passam pelo processo de desnasalização pré-consonantal, no fenómeno de aportuguesamento, como em: /njinga/ ou /nzinga/ para

/ginga/ ou /zinga/; /mbunda/ para /bunda/; /njango/ para /jango/; por outro, no processo de bantuiização, tem havido também, nalguns casos, uma pré-nasalização consonantal como o nominativo /mboa/ (vocábulo popular e informal na cultura urbana, o qual significa mulher, dama, senhora, menina, namorada, esposa), que deriva do adjetivo português /boa/.

Jakobson & Halle (1956) entendem que um ouvinte, quando recebe uma mensagem numa língua que domina, correlaciona-a com os códigos disponíveis, e esses códigos incluem todos os traços distintivos a serem operacionalizados, ou seja, um falante do português língua não-materna, em Angola (com pouco ou domínio suficiente do português), enquadra sempre os sons mais próximos e fáceis de se articular disponíveis na sua língua ou variante de conforto.

3. Metaplasmos na formação de neologismos por hibridismos

Parece-nos certo que, tal como tem vindo a ocorrer ao longo dos anos com a língua portuguesa, em todo o seu processo de transformação, em Angola, como não podia deixar de ser, os metaplasmos têm marcado algumas das principais ocorrências na transformação e afirmação da variedade neológica do português angolano. Além das transformações de ordem semântica, pragmático-discursiva, lexical, etc. das línguas, as alterações fonéticas são das que mais fomentam esta dimensão.

Seguindo este raciocínio, percebe-se, em muitas palavras que passam pelo processo de aportuguesamento, a ocorrência de alguns metaplasmos, sejam de adição, sejam de supressão, o que configura um pormenor em que os morfemas, com base nos afixos, regem a formação ou obtenção desses neologismos híbridos, em grande medida.

Metaplasmos	Quimbundo	Forma aportuguesada	Significado
Prótese	jindungo (picante)	<u>a</u> -jindung(ar)	condimentar
Epêntese	ku-kinga (esperar)	quíngu <u>ila</u>	peessoa que vende e compra divisas na rua
Paragoge	kandongga (negócio)	candongue <u>iro</u>	negociante, vendedor
Aférese	<u>kú</u> bangga (envaidecer-se)	bangga	vaidade, elegância
Síncope	jipa <u>ú</u> lo (doença tradicional)	gípalo/gipalo	<i>idem</i>

Apócope	kut ambula (agarrar, apanhar)	cutar	<i>idem</i>
---------	--------------------------------------	-------	-------------

Tabela 1. Alguns casos de metaplasmos no PVA.

Deste modo, os elementos mórficos intrínsecos às línguas neolatinas (neste caso, o português), juntos de palavras do tronco linguístico bantu, invocam diversas alterações que resultam em neologismos.

No entanto, se, por um lado, os morfemas são unidades linguísticas mínimas, ou seja, unidades mínimas de significados da morfologia, portadoras de significado gramatical ou lexical e indivisíveis, conforme indica o Dicionário da Porto Editora (versão digital: Infopédia); por outro, em Angola, tais casos dão-se predominantemente no domínio lexical, isto é, em classes abertas como os substantivos, adjetivos e verbos. Os morfemas gramaticais, por sua vez, que integram classes fechadas como pronomes, conjunções, preposições e determinantes, não são facilmente localizáveis na variedade angolana. Observe-se o seguinte quadro:

<i>1- Vocábulo/significado</i>	<i>Morf. bantu</i>	<i>Morf. latino</i>	<i>Adjetivo</i>	<i>Significado</i>
Sanzala – aldeola, povoado (do quimbundo)	Sanzal-	-eiro	Sanzaleiro	Boçal; rude.
<i>2- Vocábulo/significado</i>	<i>Morf. bantu</i>	<i>Morf. latino</i>	<i>Substantivo</i>	<i>Significado</i>
Matumbo – boçal, tosco (do quimbundo mátumbu)	Matumb-	-ice	Matumbice	Boçalidade; Incivilidade.
<i>3- Vocábulo/significado</i>	<i>Morf. bantu</i>	<i>Morf. latino</i>	<i>Verbo</i>	<i>Significado</i>
Kunanga – passar o dia ou o tempo; diz-se de quem não trabalha (do quimbundo)	Cunang-	-ar	Cunangar	Estar sem trabalhar; ficar sem emprego.

Tabela 2. Morfemas bantu e portugueses formando classes gramaticais.

Para Andrade (2009), um morfema aditivo é um elemento mórfico que se acrescenta ao radical da palavra, por meio de afixos. Por sua vez, Martinet (1980:136) entende que "les affixes, comme les grammaticaux forment des classes d'effectif limité qu'on peut donc

énumérer dans les grammaires". Entende ainda o referido autor ser esta a razão tradicional de os afixos não constarem nos dicionários.

Apresentamos alguns elementos mórficos que, geralmente, quando se juntam a vocábulos de origem bantu, formando vocábulos híbridos, ganham outros valores semânticos, inclusive a ocorrência de aportuguesamento:

Morfemas formadores de adjetivo ou estado	<i>-ado, -ada, des-, dis-, -eiro, -eira, inho, inha, etc.</i>
Morfemas formadores de substantivos	<i>-ção, -ice, -ismo, -ista, -ria, etc.</i>
Morfemas formadores de verbos	<i>-ar⁴</i>
Morfemas formadores de adjetivos gentílicos	<i>-ana, -ano, -enha, -enho, -ense, -inha, -inho, etc.</i>

Tabela 3. Principais morfemas portugueses formadores de adjetivo ou estado.

Precisar-se-ia de uma demanda maior para se localizar alguns verbos nas restantes conjugações. Tal ocorrência talvez se explique devido aos seguintes fatores: i) as línguas do tronco linguístico bantu são predominantemente de sílabas abertas (cujos vocábulos tendem a terminar em vogais abertas, como exemplo /a/); ii) as vogais semifechadas /e/, /o/ e as vogais semiabertas /ɛ/, /ɔ/ não são propensas em terminar a maioria dos vocábulos com os quais se formam os verbos híbridos ou aportuguesados.

Tal facto estará na base das diferenças da variação fonética europeia em relação à angolana, segundo estudo comparativo feito por Undolo (2014): /beleza/, /atropelar/ e /empobrecer/ # [bɪ'lezɐ], [ɐtrupɨ'tar] e [ẽpubrɨ'ser], na norma do português europeu, face a [be'lɛza], [atropɐ'tar] e [ẽpobre'sɛr], entre os falantes cultos angolanos; pois, no domínio dos falantes não-cultos, segundo o mesmo autor, as diferenças são ainda mais acentuadas.

Apresentamos uma lista de formação de vocábulos híbridos, em fim, aportuguesados, com os elementos mórficos constantes na tabela anterior:

<u>Nome</u>	<u>Adjetivo</u>	<u>Significado</u>
<i>Mangonha</i> (do quimb. preguiça)	Mangonheiro, a	Preguiçoso, a
<i>Quimbanda</i> (do quimb. adivinho)	Quimbandeiro, a	Adivinho

⁴ O morfema verbal marcador de verbos da primeira conjugação é o mais elementar e prolífico na classe dos verbos. A lista de neologismos verbais daquela forma é muito mais extensa do que nos verbos da segunda e terceira conjugações. Ex.: /*quingular*/, /*cutar*/, /*cunangar*/, /*zungar*/, /*bassular*/, /*fungutar*/, /*kizombar*/, /*sembar*/, /*ngapar*/, /*cangar*/, /*gingar*/, /*xingular*/, etc.

<i>Kwanza</i> (moeda nacional)	Descuanzado, a	Falido, a
<i>Nganza</i> (do quimb. erva medicinal)	Nganzado, a	Drogado, atordoado

<u>Nome</u>	<u>Substantivos</u>	<u>Significado</u>
Boelo (do quimb. apático)	boelice	Estado de boelo
Kambuta (do quimb. anão)	kambutismo	Qualidade de kambuta
Kizomba (do quimb. divertimento)	Kizombista	Que cultua a kizomba

<u>Nome</u>	<u>Verbos</u>	<u>Significado</u>
Nguenda (do quimb. festa, zaragata)	Nguendar	Festejar, desfrutar
Funguto (do quimb. mau cheiro)	Fungutar	Deitar mau cheiro

Tabela 4. Elementos gramaticais híbridos obtidos de itens morfémicos de ambas as línguas.

Note-se, contudo, o seguinte vocábulo: /*cazucuta*/, derivado do quimbundo /*kazukuta*/, com as seguintes transcrições fonéticas [kɛzu'kutɐ], na variante europeia, [kazu'kuta], na variante angolana, que significa dança, festa, arraial. Em muitos vocábulos bantu, tem havido uma extensão ou evolução semântica, ao passarem, por exemplo, de uma classe gramatical para outra, facto que ocorre por meio de segmentos morfémicos do português.

Por ex.: do substantivo «*kazukuta*» para adjetivo «*c-/k-/azukuteiro*» → **essoa que dança a kazukuta** → **que faz confusão** → **que é desobediente, rebelde** → **boçal** → **irreverente** → que é **embaralhado, agitado**.

Por conseguinte, como se pode verificar nos exemplos abaixo, autores consagrados angolanos têm registos que autenticam ocorrências de bantuísmos na língua portuguesa, tendo sofrido adaptações apropriadas ou assimilações à portuguesa:

- (3) «*Ó kazucuteiro, você é que trouxeste então o sol!*». (*Ondjaki, Quantas madrugadas tem a noite*).
- (4) «*Bumbos de dizanda e instrumentos de kazukuta e de ngaieta faziam-se ouvir em volta do campo*». (*Uanhenga Xitu, Mestre Tamoda e outros contos*).

Logo, entendemos a urgência, tanto numa perspetiva histórica como sociolinguística, em estudar profundamente a questão lexicográfica no âmbito do português falado em Angola,

visto que estamos diante do que Mingas (2002) chamou de «uma nova realidade linguística em Angola».

Quando o Presidente da República, em 2018, recorre a um bantuísmo /marimbondo/, num país europeu de expressão portuguesa, ignorando o risco de não ser percebido, para se referir (reservado o sentido metaforizado que o vocábulo acarreta, e de escárnio) a uma classe "astuta, perigosa, que faz mal ao país", além de levar muitos consulentes portugueses, brasileiros, angolanos, etc. a investigarem sobre o significado de tal vocábulo, permitiu a que se percebesse que tanto o músico Bonga (em 2005) quanto Waldemar Bastos (em 1982 e 2014, numa composição lírica do poeta Ernesto Lara Filho), os quais residentes em Portugal há mais de 30 anos, já tinham canções famosas com o tema "marimbondo". É esta a riqueza indeclinável do português angolano: imprimir, inovar, recriar, exportar.

De qualquer modo, as mudanças que vão ocorrendo na nossa língua formam uma variante dialetal forte e especial que, sobretudo, absorve a *lexicultura*, neologismo designado pelo linguista Robert Galisson (1988) que remete para os elementos de uma cultura presentes num determinado léxico partilhado, sejam nos subsistemas da língua corrente, sejam nos de especialidade.

Percebemos, ao longo da nossa análise, que alguns dicionários modernos de língua portuguesa têm desenvolvido, no domínio da investigação lexicográfica, um trabalho de reconhecido mérito onde se incluem vocábulos aportuguesados e não só obtidos das línguas bantu, de que a língua muito se orgulha, aliás, tal trabalho torna a língua mais inclusiva, solidária e aproxima muitos falantes em contexto de intercomunicação.

4. Considerações finais

Cronológica e gradualmente, vai-se assistindo a um afastamento entre o português europeu, o standardizado, e o de Angola, razão pela qual defendemos a elaboração acurada de um Vocabulário Ortográfico Nacional, em referência às variedades linguísticas angolanas, porque se verifica que, aos poucos, a realidade linguística local, tanto pela morfossintaxe e fonética, tanto pela semântica, vai ganhando particularidades resultantes de múltiplas influências das línguas do grupo bantu que coexistem e do contacto linguístico. O casamento

entre a língua portuguesa, na sua variante normativa, e as línguas bantu resulta num registo que se fortalece e solidifica, permanentemente.

Desta feita, da formação de neologismos, por via híbrida, depreendem-se os aportuguesamentos, que são processos em que um vocábulo bantuísta perde as suas propriedades (ou semânticas ou fonéticas, ou morfológicas ou outras) originais ao se juntar a elementos mórficos de uma língua europeia, no caso o português.

Veja-se o seguinte caso de metamorfose do quimbundo para o português:

Kúbanga-nvuama – engrandecer-se > banga – vaidade, exuberância, elegância, ostentação > bangão/bangoso/bangona – pessoa que tem banga, vaidade, estilosa, com requintes nos modos e no vestir.

Portanto, a amálgama entre vocábulos bantuístas e segmentos vernaculares portugueses (e ou latinos) resulta em novas palavras que, com grande predominância, têm reforçado a variedade do português falado em Angola. Por exemplo, os sufixos *-eiro*, formador de adjetivos ou nomes, e *-ar*, desinência verbal, são bastante operacionalizados nos dialetismos ou vocábulos com registo coloquial e, em seguida – muitas vezes, assimilados também por falantes mais cultos, devido a cada vez maior proximidade linguística entre a dita norma-padrão e os coloquialismos.

Conclui-se, tal qual os resultados empíricos indicam, que estes processos continuarão a ocorrer com bastante frequência em Angola como nas demais línguas, fator que está na base da sedimentação e emersão do português angolano como um processo contínuo. A metamorfose linguística, por via dos metaplasmos e não só, é um processo que ocorre em todas as línguas naturais como a nossa.

REFERÊNCIAS

- Altuna, R. R. 2006. *Cultura Tradicional Bantu*. São Paulo: Irmãs Paulinas.
- Andrade, M. M. 2009. *Dicionário de Termos Gramaticais*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Andrade, P. 2008. Luuanda: um caso de hibridismo linguístico e cultural. *Itinerarios, Araraquara* 26: 259-261.

- Bechara, E. 2006. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Editora Lucerna.
- Cardeira, E. 2006. *História do Português*. Luanda: Editorial Nzila.
- Castro, I. 2008. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Castro, I. 1991. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cunha, C.; Cintra, L. 2016. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Daniel, H. F. 2016. Bantuísmos no português falado em Angola: tratamento dicionarístico e inclusão. *Atas do Colóquio Internacional A língua Portuguesa Nos Dias de Hoje*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Daniel, H. F. (no prelo). *O livro do português falado em Angola: dicionário elementar de angolanismos*. Luanda.
- Dicionário de Umbundo. 2002. Umbundo-Português. Póvoa de Santo Adrião: Edições Naho.
- Fernandes, J.; Ntongo, Z. 2002. *Angola: povos e línguas*. Luanda: Editorial Nzila.
- Galisson, R. 1988. Cultures et lexicultures pour une approche dictionnaire de la culture partagée. *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, Hommage à Bernard Pottier* 7: 325-341.
- International Phonetic Association. 2005. Reproduction of the International Phonetic Alphabet. Disponível na internet em: <http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/ipachart.html>, acessado a 14 de julho de 2019.
- Inverno, L. 2009. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In A. Carvalho (Ed.). *Português em contacto*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert.
- Jakobson, R.; Halle, M. 1956. *Fundamentals of Language*. Massachusetts, EUA: Mouton & Co – Gravenhage.
- Martinet, A. 1980. *Éléments de Linguistique Générale*. Paris: Ed. Armand Colin.
- Mingas, A. A. 2002. *Interferência do Kimbundo no Português Falado em Lwanda*. Luanda: Edições Chá de Caxinde.
- Mateus, M. H. M.; Andrade, A.; Viana, M. do C.; Villalva, A. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Morfema. In *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019, acessido a 13 de julho de 2019.
- Okoudowa, B. 2005. *Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do Lembaama*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Undolo, M. 2014. Caracterização do sistema vocálico do português culto falado em Angola. *Revista de Filología Románica* 31(2): 181-187.
- Vansina, J. 2001. Portuguese vs. Kimbundu: language use in the colony of Angola (1575- c. 1845). *Bulletin des séances* 47(3): 267-281.